

PALESTRA 4

A ampla graça de Deus

Texto: Mateus 20:1-16

Introdução

Na segunda metade do século XIX, em Londres, dois pregadores destacavam-se entre os ministros de culto da cidade. Um deles era Charles Spurgeon, pastor Batista que pregava no Tabernáculo Metropolitano. O outro era Joseph Parker, pastor Congregacionista que pregava no Templo da Cidade. Entre os dois havia uma forte rivalidade. Numa certa ocasião, Parker fez um comentário sobre a pobre condição das crianças que eram admitidas no orfanato administrado por Spurgeon. No entanto, foi dito a Spurgeon que Parker tinha criticado o orfanato em si mesmo. No domingo seguinte, Charles Spurgeon usou todos os seus extraordinários dons oratórios para esmagar a reputação de Joseph Parker a partir do púlpito do Tabernáculo Metropolitano. Este ataque foi reproduzido nos jornais e tornou-se motivo de conversa em toda a cidade de Londres. No domingo seguinte, os londrinos acorreram à igreja de Parker para ouvirem em primeira mão a sua resposta ao ataque de Spurgeon. Do alto do seu púlpito, Joseph Parker disse o seguinte: “Segundo consta, o Pastor Spurgeon não está na sua igreja neste domingo e hoje é precisamente o domingo em que ele costuma pedir uma oferta em favor do seu orfanato. Por isso, eu sugiro que façamos nós hoje, aqui mesmo, uma coleta em favor do orfanato do Pastor Spurgeon.” Perante esta proposta, a multidão que enchia a igreja ficou espantada e encantada. A generosidade dos presentes foi de tal ordem que tornou-se necessário esvaziar a bandeja das ofertas três vezes. Dois dias depois, alguém foi bater à porta do escritório do Pastor Parker. Era Charles Spurgeon, que lhe disse: “Sabes, Parker, tu relembreste-me o que é a graça. Pois deste-me não o que eu merecia, mas o que eu precisava.” Hoje gostaria de vos convidar a meditar um pouco sobre a parábola dos trabalhadores na vinha. Jesus contou esta pequena história para mostrar o alcance e a profundidade da graça salvadora de Deus. Esta surge nesta parábola em toda a sua beleza. Mas, podemos perguntar, o que é a graça? Respondemos que a graça proveniente de Deus e concedida aos seres humanos pecadores é “um bem ou favor imerecido concedido em sinal de estima ou por generosidade” tendo em vista a sua salvação eterna. Ora, nós que aqui estamos, hoje, somos os recetores desse favor imerecido vindo de Deus. Assim, convém que percebamos o que significa receber a graça de Deus. Eu proponho que façamos uma interpretação passo a passo do texto em que é narrada a parábola dos trabalhadores na vinha. Deste modo poderemos compreender as palavras de Jesus e descobrir a lição que elas têm para nós. Assim, convido-vos a me acompanharem na exploração do sentido profundo desta parábola.

Em busca de trabalhadores

Na parábola dos trabalhadores na vinha, Jesus caracteriza, mais uma vez, o “Reino dos Céus” como sendo semelhante a um acerto de contas. Desta vez, trata-se de um acerto de contas entre um patrão e os seus trabalhadores no fim de um dia de trabalho numa vinha. Este tipo de caracterização do “Reino dos Céus” como um acerto de contas indica que Jesus tem especificamente em mente ilustrar, pela Sua parábola, os eventos do fim dos tempos e do juízo final que inaugurarão a instauração do Reino de Deus.

Repare que o senhor da vinha começa a contratar trabalhadores ao nascer do sol. Na Palestina do tempo de Jesus, o dia de trabalho começava ao nascer do sol e terminava ao pôr do sol, durando doze horas. É certamente a época da vindima. A vindima na Palestina fazia-se em fins de setembro. O senhor da vinha põe-se em campo para contratar trabalhadores para realizarem a vindima, pois nesta época do ano agrícola era necessária muito mais mão-de-obra. O facto desta parábola se situar temporalmente na vindima indica que se trata de uma parábola sobre o fim dos tempos, pois a vindima simbolizava precisamente o momento do juízo final. É importante ter em mente que a vinha era, na literatura judaica, um símbolo de Israel, o peculiar povo de Deus (Isaías 5:1-7; Jeremias 12:10). O próprio Jesus empregará este simbolismo da vinha como representação de Israel na Sua parábola dos vinhateiros homicidas (Mateus 21:33-46).

O dono da vinha começa por contratar, no início do dia, alguns trabalhadores para a vinha pelo salário de um denário. Na Palestina do tempo de Jesus, os trabalhadores agrícolas eram pagos à jornada. Um denário era o salário de um dia para um trabalhador agrícola. Portanto, o senhor da vinha combinou pagar aos trabalhadores o salário usual de um dia de trabalho. Este salário seria estritamente suficiente para o trabalhador e a sua família viverem, mas apenas a um nível de subsistência. Note-se que é apenas com estes trabalhadores contratados no início do dia que o patrão acorda um determinado salário pelo seu trabalho. Com os restantes, ele não faz nenhum acordo de salário.

O patrão torna a sair em busca de trabalhadores à terceira hora, à sexta hora e à nona hora. Embora o dia, para os judeus, começasse ao pôr do sol, as horas do dia eram contadas a partir do nascer do sol. A “hora terceira” equivale às nove horas da manhã, a “hora sexta” equivale ao meio-dia e a “hora nona” às três horas da tarde. Os homens contratados pelo dono da vinha a essas horas estavam sentados na praça sem fazer nada, aguardando que alguém os viesse contratar para trabalhar. Nós sabemos que, na Palestina da época de Jesus, havia uma elevada taxa de desemprego entre o povo. O historiador judeu Flávio Josefo, contemporâneo de Jesus, refere que, após o termo da construção do Templo, no ano 27, ano em que Jesus começou o seu ministério, ficaram no desemprego cerca de 18 000 trabalhadores (*Antiguidades Judaicas*, 20:220). O patrão contrata, pois, todos os desocupados que se mantinham ociosos na praça desde o nascer do dia. Ele não acorda com eles um salário, ao contrário do que fez com os primeiros trabalhadores. Diz-lhes apenas que pagará “o que for justo”. A promessa do patrão de pagar “o que for justo” aos obreiros contratados às nove horas da manhã seria interpretada por estes como significando que ele pagaria somente uma determinada fração de um denário, pois este era o salário de um dia de trabalho completo, e estes trabalhadores já não iriam trabalhar todo o dia. Eles certamente não esperavam receber integralmente o salário de um denário correspondente a um dia completo de trabalho. Entretanto, o patrão torna a empregar novos trabalhadores ao meio-dia e às três da tarde, com a mesma promessa de pagar “o que for justo”. Esta promessa seria também interpretada por estes trabalhadores como significando o pagamento de apenas uma fração de um denário.

Mas o patrão ainda está à procura de mais trabalhadores à “hora undécima”, isto é, às cinco horas da tarde. Portanto, ele ainda estava a procurar mais obreiros mesmo quando já só faltava uma hora para o pôr do sol. Lembre-se de que o pôr do sol marcava o fim do dia de trabalho. Este comportamento do patrão indica que o trabalho na vinha era urgente. De facto, na Palestina, a colheita da uva devia estar terminada antes da vinda do tempo chuvoso com o seu frio noturno. Em caso de uma colheita abundante, o período de tempo para a colheita seria obrigatoriamente alargado. Isto punha em risco parte da colheita, devido à aproximação das condições atmosféricas desfavoráveis. Ao perguntar aos trabalhadores desempregados, que estão na praça à hora undécima, porque permaneceram ociosos todo o dia, o patrão não está a expressar a sua admiração, mas está sim a censurar os trabalhadores por terem permanecido indolentes durante o dia inteiro. Ele envia-os também para trabalhar na vinha, mesmo faltando apenas uma hora para o fim do dia de trabalho. É importante notar que o patrão não acorda com estes trabalhadores da undécima hora qualquer salário. Nem sequer é por ele dito que lhes dará “o que for justo”, como disse aos trabalhadores anteriores. No entanto, eles parecem acreditar que o patrão fará o melhor que puder por eles quando chegar a hora do pagamento.

Um salário justo e compassivo

Com a chegada da tarde, o patrão ordena que se pague o salário aos obreiros. O pagamento do salário aos trabalhadores jornaleiros no fim do dia de trabalho, ao pôr do sol, era determinado pela Lei de Moisés (Levítico 19:13; Deuterónimo 24:14-15). Era algo tão normal para um judeu piedoso, que o facto do patrão dar essa ordem ao seu administrador indica não apenas que ele era observador da Lei, mas também que ele tinha em mente um desígnio particular. Este intuito é revelado nos versículos seguintes: pagar o mesmo salário diário a todos, sem exceção.

Todos os trabalhadores recebem, então, o mesmo como pagamento pelo seu trabalho. O patrão mostra a sua generosidade e a sua compaixão ao pagar a todos os trabalhadores o salário de um denário. Ele paga o salário completo de um dia de trabalho mesmo àqueles que não trabalharam todo o dia, nomeadamente àqueles que trabalharam apenas uma hora. Ele age assim certamente porque sabe que, sendo trabalhadores pagos à jornada, se não levassem para casa o salário completo de uma jornada as suas famílias ficariam em dificuldades. Assim, ele não paga os trabalhadores segundo os seus méritos, mas segundo a sua necessidade e a necessidade da respetiva família. Ao verem que os últimos receberam como salário um denário, os trabalhadores da primeira hora pensaram que receberiam mais, pois tinham trabalhado muito mais do que eles. No entanto, o patrão paga-lhes também apenas o salário de um denário, que tinha sido acordado com eles no começo do dia.

O protesto dos descontentes e a resposta do patrão

Após receberem o seu salário, os obreiros da primeira hora protestam a meia voz contra o senhor da vinha, que estaria presente no ato de pagamento do salário, ao lado do seu administrador. Eles dirigem-se, então, ao patrão. Note-se que os obreiros murmuradores não empregam um vocativo ou um título respeitoso para se dirigirem ao senhor da vinha. Este comportamento grosseiro indica a sua grande revolta contra o patrão. Os obreiros da primeira hora acusam o senhor da vinha de ter cometido uma dupla injustiça. Primeiro, eles tiveram de trabalhar doze horas, quando os outros trabalharam apenas uma hora. Segundo, eles tiveram que trabalhar sob o calor do sol, quando os outros trabalharam apenas durante o

frescor do fim do dia. Os trabalhadores da primeira hora pretendem assim argumentar que a maior duração e a maior dificuldade do seu trabalho lhes dão direito a um salário proporcionalmente maior.

Em resposta às críticas de que é alvo, o patrão dirige-se a um dos obreiros da primeira hora, certamente àquele que mais protestava ou que era o líder dos trabalhadores revoltados. Embora os obreiros não tivessem empregado um vocativo respeitoso para se dirigirem ao patrão, este emprega um vocativo respeitoso para se dirigir com deferência ao obreiro que mais protestava. Chama-lhe “Amigo”. O vocativo “Amigo” era o título adequado para alguém se dirigir respeitosamente a outrem quando não lhe conhecia o nome. O uso desta interpelação por parte do patrão é, simultaneamente, uma demonstração de respeito benevolente pelo interpelado e, ao mesmo tempo, uma censura moderada. O homem comporta-se de modo descortês, mas o senhor da vinha trata-o ainda assim com respeito e cortesia. O dono da vinha faz notar aos descontentes que ele está a ser justo, pois cumpriu o acordo feito com eles: o pagamento de um denário pelo dia de trabalho. Eles mesmos tinham concordado em trabalhar por esse salário. Portanto, não há qualquer injustiça. Na realidade, os obreiros que protestaram não o fazem por terem recebido apenas um denário, mas sim pelo facto dos trabalhadores da última hora terem recebido o mesmo sem terem trabalhado tanto quanto eles. Ou seja, o seu protesto radica totalmente na inveja de verem os seus colegas receberem o mesmo salário no fim do dia.

Finalmente, o patrão defende-se da acusação de injustiça que lhe é feita pelos trabalhadores da primeira hora, fazendo notar que ele é senhor do seu dinheiro e tem o direito de fazer o que quiser com o que é seu. O facto do senhor da vinha ter resolvido pagar o salário completo de um denário aos restantes trabalhadores é certamente um direito que lhe assiste. Afinal, o dinheiro é dele. O patrão acusa o líder da revolta de ter “mau olho” na sua apreciação da situação. Ter “mau olho” era uma expressão popular para descrever alguém que mostrava ter um espírito invejoso, ciumento ou egoísta (cf. Deuterónimo 15:9). Aqui aplica-se aos trabalhadores da primeira hora, porque eles revoltam-se pelo simples facto do dono da vinha ser generoso para com os trabalhadores da última hora. O patrão também faz notar que ele decidiu pagar o salário completo aos trabalhadores da última hora porque é bom. É a sua bondade que o move a ser generoso com aqueles que necessitam da sua generosidade e misericórdia.

A conclusão da parábola

Jesus conclui a Sua parábola com a afirmação de que “os últimos serão os primeiros e os primeiros serão os últimos”. Os “últimos” que serão os “primeiros” são os últimos trabalhadores a chegar à vinha, mas que foram os primeiros a serem pagos. Estes últimos usufruem do mesmo direito dos primeiros à bondade e à graça de Deus. Os “últimos” que Jesus tinha em mente seriam os cobradores de impostos, as prostitutas e outros marginalizados pelo sistema religioso dos rabinos do primeiro século. Estes “pecadores” responderam ao apelo de Jesus à conversão e, assim, têm todo o direito de integrar o Reino de Deus. Os “primeiros” representam, para Jesus, os Judeus que foram desde sempre observadores dos preceitos religiosos, como os escribas e Fariseus, e que julgam ser os únicos a ter direito de herdar o Reino de Deus. Estes também poderão herdar o Reino de Deus, mas devem aceitar que a sua recompensa não será maior do que aquela que receberão os marginalizados que aceitarem o chamado de Jesus ao arrependimento.

A lição espiritual da parábola

O que podemos aprender em termos espirituais com esta parábola dos trabalhadores na vinha? O senhor da vinha apresentado pela parábola representa, sem dúvida, Deus. A vinha representa Israel. A vindima representa o juízo final e a entrada no Reino de Deus. Os trabalhadores da primeira hora representam os Fariseus e escribas que colocaram a sua vida ao serviço de Deus para ganharem a recompensa final no Reino. Os trabalhadores da última hora simbolizam os marginais do sistema religioso rabínico que aceitaram o apelo de Deus, feito na pessoa de Jesus, para se colocarem ao Seu serviço. Por meio desta parábola, Jesus pretende anunciar a boa-nova da maravilhosa graça de Deus para com os pecadores. Ela ilustra a bondade e a generosidade de Deus no seu trato com os seres humanos. Ao contar esta parábola, Jesus quer fazer-nos ver que a recompensa dada aos homens no Reino de Deus é a mesma para todos aqueles que aceitem o chamado para o Reino. Os escribas e Fariseus, que dedicaram toda a sua vida ao serviço de Deus, não têm maior recompensa do que os marginais religiosos que aceitam o chamado do Evangelho de Jesus à última hora. Dado que a salvação de todos os homens – mesmo dos escribas e Fariseus – depende inteiramente da graça divina, Deus é inteiramente livre para proceder de maneira que achar melhor. Deus é como o patrão da parábola, cheio de generosidade e de compaixão para com aqueles que não têm qualquer mérito “religioso”, mas que, em última análise, estão dispostos a servi-!O. Como o patrão da parábola, Deus quer dar, pela Sua graça, uma plena recompensa àqueles que aceitam servi-!O à última hora.

Assim, esta parábola expressa a posição de Jesus sobre a salvação e sobre o direito ao Reino de Deus dos marginalizados pelo sistema religioso judaico. Ela indica a generosidade de Deus como motivo para crer

que, mesmo aqueles que são considerados como pecadores pelo escribas e Fariseus têm direito ao Reino de Deus, desde que respondam ao chamado ao arrependimento proclamado por Jesus. Para Cristo, existe um equilíbrio entre a justiça de Deus e a misericórdia de Deus no juízo final. Os “primeiros” receberão pelo seu serviço o justo salário que tinham acordado com o senhor da vinha, isto é, recebem a sua parte no Reino de Deus pela sua dedicação ao serviço do Senhor. Os “últimos” recebem o mesmo salário – a salvação – somente devido à misericórdia de Deus, que aceita a sua conversão na última hora. Deus age assim para com os homens porque Ele é bom, generoso e compassivo. A Sua justiça no juízo final não seguirá o critério do benefício que cada um de nós pôde realizar durante a nossa vida, mas sim o critério da misericórdia que todos nós necessitamos para herdarmos a vida eterna.

Conclusão e apelo

Deste modo, nesta parábola dos trabalhadores na vinha, nós vemos a profundidade e o alcance da misericordiosa graça de Deus. Esta maravilhosa graça está também ao nosso alcance. Ela chama por nós. Na verdade, Jesus contou esta parábola para nos ajudar a perceber que Deus nos estende, hoje, a sua graça salvadora. A única coisa que nunca devemos fazer é pensar que podemos, pelos nossos méritos, ganhar, comprar ou merecer a graça salvadora de Deus.

Imaginem que são convidados pelo Presidente da República para um banquete na sua residência oficial de Belém. Sentam-se a uma mesa repleta das melhores iguarias. À vossa volta todos fazem o seu melhor para vos proporcionar uma noite memorável. Depois de vos ter recebido com tanta distinção, o Presidente acompanha-vos até à porta da sua residência para se despedir de vós. O que fariam nesse momento? Porventura, quando saíssem, dar-lhe-iam uma moeda de dois Euros e diriam: “Muito obrigado pelo seu amável convite. Eu sei que esta noite lhe custou muito dinheiro e, por isso, eu quero ajudá-lo a pagar a despesa da minha refeição”? Seria esta uma resposta adequada à amabilidade graciosa do Presidente da República? Muito pelo contrário! Este comportamento seria próprio de alguém mal-educado e rude. Seria um verdadeiro insulto à graciosa generosidade do Presidente.

O mesmo se passa exatamente com a graça que Deus nos estende todos os dias e pela qual nos concede a salvação. Deus quer fazer de nós herdeiros da salvação através da sua graça. Mas querer “pagar” a Deus a nossa parte no processo da salvação é absolutamente insultuoso e rude. Devemos simplesmente aceitar agradecidos a graça que Deus nos concede, e pela qual podemos herdar a salvação e a vida eterna, sem pensarmos que a podemos comprar com os nossos méritos. A salvação não tem preço, mas ela é-nos oferecida por Deus. É isso a graça divina. Amigo, aceite de coração a graça salvadora de Deus na sua vida. Verá que nunca mais será o mesmo!